

# CORREIO DO VOLICIA

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:  
ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36  
PORTO

Não se devolvem originaes nem se accceita collaboração que não seja sollicitada.

## A imprensa e a investigação criminal

A carta do sr. Cunha e Costa, que varios jornaes publicaram e nós reproduzimos no ultimo numero, causou grande alvoroço nas fileiras do partido republicano.

O que pretende o illustre advogado e jornalista? Que a imprensa se conserve neutra perante o crime do Credito Predial, em que está envolvido o sr. José Bello, que elle tem de defender. O que fizeram os correligionarios em face d'esta pretensão? Repelliram, por intermedio do Directorio, toda a solidariedade com ella.

Onde está a razão? Distribui-se pelo sr. Cunha e Costa e pelo Directorio.

Affirma o sr. Cunha e Costa a sua opinião nestas palavras: «um individuo, desde que é entregue ao poder judicial, tem direito, pelo menos, á absoluta neutralidade de todos os elementos estranhos á acção legal contra elle promovida, menos que essa intervenção tenha por fim obstar á que contra elle se pratique qualquer illegalidade ou, por qualquer forma, se lhe coarcte o direito de defeza.»

Não concordamos em absoluto com esta doutrina. Mas ha necessidade de applica-la no nosso paiz e em todos aquelles onde a imprensa não desempenha com honestidade a sua missão. Os jornaes, tomando conta d'um crime, raramente auxiliam a acção da justiça; mas perturbam-a muitas vezes. Especialmente, nos crimes a que se póde attribuir o caracter politico, como o do Credito Predial. Cada um falla segundo os seus interesses, em harmonia com as suas paixões. Não ha o proposito de descobrir a verdade e de fazer justiça. Ha a preocupação exclusiva de defender correligionarios e atacar adversarios. Isto é de observação quotidiana. E é pena que assim seja. Pois, se assim não fóra, á imprensa caberia, na investigação dos crimes, um papel importante, que lhe attribuiriamos, em quanto o processo de instrucção se conservasse como actualmente está.

Uma coisa extranhámos. E é esta: como se comprehende que o sr. Cunha e Costa venha declarar que são os seus principios que o determinam a reclamar a neutralidade da im-

pressão perante a investigação e julgamento dos crimes, e seja redactor d'um jornal que de modo nenhum respeita essa doutrina, antes a infringe todos os dias e d'uma maneira que o põe em destaque?

Quer isto dizer apenas—e é muito—que o jornalista portuguez poucas vezes escreve o que pensa e o que sente. Limita-se quasi sempre a dar forma ás ideias do patrão. Ou, pelo menos, por circumstancias de varias ordens, não tem a independencia bastante para imprimir ao jornal que redige uma orientação harmonica com as doutrinas que julga representarem a verdade e a justiça.

O sr. Cunha e Costa, se foi sincero quando escreveu a carta que no ultimo numero registámos, ha-de sentir-se muitas vezes indignado com os processos adoptados pelo jornal em que escreve. Mas não reage. Transige. Sujeta-se á vontade e aos interesses dos outros, para não sacrificar os interesses proprios.

Voltemos atraz. O Directorio do partido republicano tambem tem razão. Porquê?

Não ha duvida nenhuma de que os crimes praticados no Credito Predial são d'uma gravissima importancia. Duvida nenhuma parece haver tambem de que se lhes póde attribuir caracter politico. Diz-se, e muita gente o acreditará, que grande parte do dinheiro roubado foi gasto com as eleições de deputados—para comprar votos. Empregaram-no, portanto, os monarchicos como arma contra os republicanos.

Nestas circumstancias, quem applaudirá que um advogado republicano defenda um dos suppostos criminosos e peça á imprensa que tape a bocca?

E' de presumir ou não é que a monarchia tratará de descobrir, até onde puder, a responsabilidade dos seus correligionarios? E, por outro lado, ha ou não ha necessidade de averiguar quem são os delinquentes e qual a culpabilidade de cada um, e de evitar que reincidam e que o seu exemplo fructifique?

A quem compete fazê-lo? Ao poder judicial. Mas, se este, por quaesquer circumstancias, não cumprir o seu dever? E, mesmo que cumpra, deve desprezar-se o auxilio da imprensa, quando elle seja prestado com o claro proposito de descobrir a verdade?

A imprensa não procede assim—dirão. Infelizmente, re-

conhecemo-lo. E já o affirmámos. Mas o sr. Cunha e Costa é que não fez restricções. Reclamou que os jornaes se calassem sobre o caso do Credito Predial em que está envolvido o seu constituinte sr. José Bello. O Directorio recusou toda a solidariedade a esta reclamação. Parece-nos que fez bem. Estabelecemos, d'este modo, um principio. Não applaudimos a orientação da imprensa. Porque—temo-lo dito muitas vezes—a imprensa não julga; a imprensa deve fornecer os elementos para o julgamento—mas com imparcialidade e independencia.

## SECÇÃO LITTERARIA

### O ELMO

O campo que ahí vês, theatro d'uma guerra  
Ha muitos annos foi:  
Cada passo dos teus nessa feçunda terra  
Mede a campa d'um heroe!

Olha a seara d'oiro, olha os cachos doirados  
Da vinha bella e forte!  
Campos fertéis não ha como os que são lavrados  
P'la charrua da Morte...

Onde o sangue correu e a traição virulenta  
Rastejou na poeira,  
Arrulham pombas na folhagem da cinzenta,  
Pacífica oliveira...

Spelho occulto dos sons, o echo d'estes montes  
Redisse ais e estertores;  
Mas hoje só repete o chalar das fontes  
O clamor dos pastores...

Aqui foi que, ha um instante, á sombra densa e grata  
D'alto choro virente,  
Entre nervos e calhaus, um elmo achei de prata,  
Lavrado finamente;

Elmo estranho, que o vento ou que um baldao do acaso  
De negra terra enclera,  
E onde, como em bojudo e caprichoso vaso,  
Pallida flor nascera.

Antigo protector da fronte nobre e ousada  
D'algum moço guerreiro,  
Sentiu a latejar, doidamente abrasada  
Num sonho carniceiro;

Protegendo-a, senti dentro de si a voz  
Da crueldade hirsuta,  
Impetos de exterminio e de vingança atroz,  
Éstos de fera bruta.

Mas o heroe baqueou: go'pe certo e profundo  
Prostrára-o num momento!  
E o elmo ouviu então do moço moribundo  
O ultimo pensamento,

Que alçando-se no ar, como ave luminosa  
Foi para longe a voar,  
Até cair aos pés d'uma donzella anciosa,  
Que se poz a chorar.

Sonhos de gloria e vãs, odios que nos tornaes  
A vida em escuro inferno,  
Sois uma cinza vã, sois cinza e nada mais:  
Só o amor é eterno!

De quanto palpitou no elmo refulgente  
Só não morreu o amor,  
Que simples, virginal, balsamico e innocente,  
Revive nesta flôr!

EUGENIO DE CASTRO.

(D'ca Sombra do Quadrante)

## NOTAS LIGEIRAS

### O NOVO GOVERNO

E enganamo-nos completamente. Aconteceu o mesmo a muito boa gente.

Mas haverá por ventura possibilidade de *prever* na politica portugueza? Não ha, positivamente; mas nós, a fallar a verdade, quando dissemos que os progressistas continuariam no governo não *previámos*, estavamos a ver. E a coisa era tão clara... De repente, porém, os ares toldaram-se e o sr. Teixeira de Sousa surge no poder. E... contra factos não ha argumentos.

Porque não temos partido—não o recebemos com manifestações de regosijo, nem tão pouco com hostilidade.

Confessando que não temos esperança de que com o seu governo se inicie uma era nova em Portugal, muito desejaríamos ter de reconhecer que nos enganámos... mais uma vez

### ALLIANÇAS

E' interessantissima, para não lhe chamar outra coisa, a facilidade com que os politicos portuguezes fazem e desfazem alianças.

Hoje cobrem-se de injurias, amanhã lambem-se aos beijos.

Ahi temos nós agora progressistas, franquistas, henriquistas, nacionalistas, todos de mãos dadas, na guerra de exterminio que preparam ao governo desde o dia da sua nomeação.

Quem extranharia que amanhã, se os franquistas fossem chamados ao poder, os progressistas e os teixeiristas, esquecessem o passado e se declarassem aliados? Ou que o governo, ao approximar-se o dia das eleições, engulisse affrontas, e, propondo a paz aos inimigos encarniçados d'hoje, lhes pedisse o seu auxilio contra os republicanos? Ou que...

Não vale a pena cançar mais a imaginação.

### A PRETENZA ESCRAVATURA.

Ninguém ignora que uns certos industriaes inglezes, constituídos em «sociedade contra a escravatura» têm procurado por todas as formas desacreditar Portugal, propagando que o nosso paiz consente a escravatura nas suas colonias, especialmente em S. Thomé.

A proposito recortamos dos jornaes a seguinte informação, vinda de Londres, no dia 1:

«Sir Eduardo Grey, respondendo á delegação da Sociedade contra a escravatura e protecção de aborigenes que havia protestado contra a pretensa escravatura de S. Thomé, disse aos delegados que tinham chegado em boa occasião porque o governo portuguez fez novas diligencias que elle ministro, espera que na pratica dêem em resultado acabar com o abuso.

Baseando-se em informações recebidas crê que os abusos a combater não são do tratamento dos indigenas nas proprias ilhas,

mas sim as condições do seu recrutamento em Africa.

Sir Grey accrescentou que desde que está no poder tem chamado deligentemente a atenção do governo de Lisboa para esses factos, estando porém longe de querer derogar os direitos dos soberanos portuguezes ou ferir as suas susceptibilidades politicas de soberania por qualquer forma que seja; mas está convencido de que se o governo portuguez tivesse conhecimento d'esses factos concordaria immediatamente em que devia mudar esse estado de coisas.

Deu depois conta das suas novas diligencias acerca do regulamento dos portuguezes, accrescentando que o que se deseja são resultados e não regulamento.

Alludindo á amizade da Inglaterra com Portugal, disse continuar essa amizade; mas nada ha mais susceptivel de destruir do que a amizade a que falta dedicadeza quando se discutem negocios doutros paizes.

Quanto á repatriação diz ser importantissimo o regulamento que agora se tornou obrigatorio. Caso houver engajamento nas ilhas deve ser voluntario. Terminou convidando os delegados a esperarem alguns annos para verem se estas esperanças se realisam.»

## A "ALMA NACIONAL"

### E O "LUAR DE JANEIRO"

(CONTINUAÇÃO)

Neste ensaio de previsão do porvir do nosso paiz, começo por indagar: a estagnação social da gente portugualense implica inferioridade—organica, constitucional—nas aptidões scientificas, artisticas, industriaes, commerciaes, economicas, politicas e philosophicas que constituem a bagagem physiologica corrente, o capital hereditario d'aptidões potenciaes, dos povos contemporaneos de civilização superior? Bacoreja-me que não. As aptidões virtuales da gente de Portugal afiguram-se-me boas e d'extrema resistencia. Manda-se um joven portuguez d'intelligencia media, pouco e mal preparado (o que é o caso vulgar) ou isento de preparação (o que é mais demonstrativo), estudar uma sciencia ou uma arte ou um mister ou um grupo de conhecimentos humanistas e litterarios em França ou na Inglaterra ou na Allemanha ou na Suissa; e o portuguez sae, em regra, um europeu regular, confundivel, em cultura, com o francez ou inglez ou o allemão ou o suizo da sua craveira mental e seu matalote d'estudo.

Envia-se aos mesmos paizes, com o mesmo objectivo, um portuguez escolhido, d'encephalação de destaque; e elle dá, em geral, um homem de valor notavel ou, não raramente, superior em qualquer cultura e paiz. Isto nas classes medias. Vejamos agora o povo. O operario portuguez é dos mais ignorantes do mundo civilizado. Faltam-lhe quasi de todo, além do saber moderno, apurado, nos seus misteres, as educações intellectual,

moral, cívica e social mais elementares e urgentes. Pois é voz entre engenheiros e industriaes estrangeiros que exploram Portugal, abelhudos cosmopolitas que conhecem praticamente o operario-bitola da França, da Inglaterra, da Alemanha, etc., que o operario portuguez é o mais vivo, mais habil, mais rapido na aprendizagem (sendo tambem, o que é logico, o mais indisciplinado, distraído e calaceiro) dos operarios europeus. Semelhante ao nosso operario, é o nosso agricultor. Apesar d'interrompidas as nossas tradições maritimas, o portuguez é ainda, mormente o dos litoraes e o das ilhas do Atlantico, especialmente o açoreano, o primeiro—o mais seguro, mais attento, mais resistente, mais atraído pelo mar (segundo apreciações d'inglezes e d'yankees, mestres praticos no assumpto)—dos marreantes actuaes. Somaram-se-lhe na retentativa os velhos genios maritimos dos ligures, dos phenicios, dos carthaginezes e dos arabes. Olhemos emfim a mulher, a doce mulher portugueza, quer a das classes selectas, quer a do povo e a do campo. Ainda a mais atrazada—d'educação mais incerta, mais tolhida, mais rotineira, mais cheia de bioquices—das mulheres civilisadas (exceptuando, talvez, a hespanhola em geral, a italiana aldeã e a brasileira do povo), é todavia exemplar pelas virtudes domesticas e por fundas sensibilidades amorosas e maternas que lhe conservam incorrupto—mais talvez do que em qualquer outra das mulheres civilisadas—o nobre, redemptor, instincto de mãe, de procreadora. Submissa e corajosa, menos eivada do que o homem pelos vicios e pelas duvidas d'esta hora triste e solemne, heroica na maternalidade até ao martyrio e á morte, d'ella virá, em grande parte, a redempção social da gente portugualense—se esta é redimivel... Tacito conta, na *Historia*, que na defeza furiosa d'uma cidade de ligures contra legiões romanas, afinal victoriosas, uma mulher dos vencidos correu a occultar um filho ao furor dos vencedores. Conhecedores do facto, estes pozeram-se a trotos, perguntando-lhe a cada momento: onde escondeste o teu filho? No meu seio, respondeu ella emquanto poudo fallar. Na alma da portugueza revive a alma da ligur.

\*

Póde-se, pois, attribuir a inferioridade social da gente portugualense a influencias de meio (do meio mental, é claro, que o phisico é ainda aquelle, variado para melhor, de que brotaram: Nunalvares, João das Regras, João 1.º, os filhos d'este homem util, João 2.º, Albuquerque, Gil Vicente, Camões, Pedro Nunes, etc., e a nação organizada que desvendou meio mundo)—às contaminações psychicas reciprocamente exercidas pelas unidades sociaes d'um grupo ethnico pervertido pela educação geral—intellectual, esthetica, ethi-

## O sr. Ministro

Tiburcio estreará-se nos tribunales em causas criminaes. A imprensa jornalística publicou trechos dos seus discursos torrencias de eloquencia commovente; mas elle não se sentia bem; apertavam-se-lhe os horisontes que sonhára. Não queria salvar delinquentes que a sua consciencia accusava. Queria salvar a nação. Anciava as glorias honradas do parlamento. Amalia, que lhe conhecia a repugnancia em ir á Relação combinar a defeza com os criminosos, pedia muito ao tio que empenhasse as suas relações para que Tiburcio fosse á camara. O bispo, as auctoridades, e a fama do orador aplanaram as difficuldades. O dr. Tiburcio foi eleito por Sinfaes—acho que foi por Sinfaes, devia ser por Sinfaes—um alfôbre de depu-

ca, cívica, politica, social e religiosa—mais falsa, absurda e tola... Assim, o portuguez será: individualmente um europeu, apto e civilisavel, com resistencias notaveis á degeneração cerebral; mas socialmente um marroquino, um aventureiro barbaro cuja sociabilidade retrogradou ao instincto estreito e rude do bando... Phenomeno que vem de longe, do tempo em que o portuguez, cançado de Africa e d'Asias, desmoralisado e pelintra com as coisas da Conquista, e atrazado d'um seculo na evolução europeia,—mas vaidoso e altisonante como um moiro ou um hespanhol—entrou a macaquear o europeu civilisado, o francez, o inglez, o allemão, etc., nas sciencias e nas artes, na politica e nos costumes—mas a mangar e a mentir, sómente para ainglez vêr, sem crêr que o trabalho serio fôsse o meio mais seguro de viver e prosperar, sem fé na utilidade da lucta honesta e sentida—ficando socialmente o que o leitor ahi vê... um berbere, um vago moiro, ignorante e embusteiro, ora manso por indiferença, ora feroz por atrazo, misto singular e triste d'esperteza e patetico, esquecido da sua historia e das suas tradições a palrar e a fingir as sciencias e as artes, as politicas e o mais como o preto a fazer de branco por ter vestido umas calças e andar de guarda-sol... Estas notas leves e simples de psychologia social referem-se principalmente, é claro como o dia, ás nossas «classes cultas», habilitadas pelo menos com um curso dos lyceus, e sobretudo ao politico-legislador-estadista, em regra bacharel formado, que nos governa e degrada; o povo, depositario do ethos portuguez latente, macaqueia o menos que póde as culturas de pacotilha que os mandantes lhe empingem, fechado na mais formal e defendida indiferença pela obra e pela pessoa do nosso homem d'estado. Conta-se que Affonso 6.º de Leão, Galliza e Castella, avô materno e famoso do rei Affonso Henriques, dizia de al-Motamid, um dos seus numerosos sogros e luso-arabe de Beja: «perde cidades a recitar versos ao som do alaúde»... Isto dá-me a definição do cerebro sarracenisado e tristemente caído do nosso estadista typico, que perde e avilta a patria a moer rhetorica tansa—regulada pela Carta: o Koran portugualense da liberdade, etc.—nas casas do parlamento e nas reuniões das maiorias...

Em Portugal, este sestro de perder e aviltar a patria com a maior semcerimonia e sem protestos de maior vem d'um phenomeno psychico impressivo e importante, estudado ha tempo n'«*Lucta*» por José de Magalhães: a distincção abysmal entre a moralidade pessoal, que não parece inferior á da epoca em qualquer paiz, e a moralidade politica, peor que a pessoal do fadeista e do proxeneta. Ora negociar a patria é milhões de vezes mais grave em

tados talentosos que vem sempre á luz politica por aquelle ventre laxo e fecundo de Sinfaes.

«Debutou esplendidamente» disseram os jornaes do governo. A opposição achou-o metaphysico, nebuloso como um pantano de madrugada. Defendeu a eleição cruenta do circulo 79, como quem defendia um réo do parricidio, com as mesmas phrases plangentes dos tribunales do crime. A opposição accusava o administrador do concelho como se elle fosse o Mattos Lobo ou o Luiz Negro. O mesmo consumo de rhetorica, cheia de vitriolo, de parte a parte. No fim da legislatura o dr. Tiburcio confessava que, neste diluvio de percoria, as bestas eram tantas e a arca tão pequena que afinal não se salvava ninguem, por causa das bestas.

—Eu queria ser ministro tres mezes—dizia elle um dia a Amalia. Este paiz gangrenado ainda podia

consequencias sociaes do que negociar a mãe (escólho adrede este exemplo bruto e descompassado para accentuar o principio). Nesta infamia, o proxeneta é um doído ou um miseravel que desrada algumas pessoas, dando um exemplo ignobil de echo velado e restricto; na outra, é um miseravel (não é contavel a hypothese de que um ministro d'estado, um embaixador, etc., seja propriamente um doído) que degrada a nacionalidade, milhões de compatriotas, dando um exemplo nefasto de resonancia geral.

\* \* \*

Taes são, em notas singelas, as causas e os caracteres do atrazo e da decadencia da gente de Portugal.

Poderá ainda esta gente redimir-se, regenerar-se?

É de crêr, pois que possui—mercê d'alicerces ethnicos de resistencia estupenda—aptidões virtuaes que lhe dão direito á lucta, em condições regulares, por uma vida social menos inhenha e mesquinha do que a que vem arrasada. Mas urge que esse direito—que envolve o mais imperioso dos deveres nacionaes—seja exercido a valer, com acerto e persistencia, e com a mais alta e evidente honestidade d'intuítos. Diz-se e escreve-se ahi, em discursos, conferencias, palestras, simples cavacos, jornaes, revistas e livros, que é mister e inadiavel instruir e educar a gente de Portugal; mas este movimento util, que exprime, creio, o accordar, para a vida social consciente e evolutiva, d'um povo somnambulizado por seculos d'estagnação e decomposição sociaes, peca ainda, aqui, alli, nas pessoas e nos grupos, pelo vicio nacional da falta de positividade... Ora o caso é grave e grande, não suportando delongas em ensaios imaginativos de pedagogias de cór... Compete aos educadores de competencia real, positiva, experimentada, organizar um programma de cultura nacional, que attenda aos instinctos ethnicos, ás tradições sãs e tonicis, aos ensinamentos historicos, aos pendores physiologicos antigos e aproveitaveis, da gente portugualense,—e á função util e pratica (maritima-commercial-agricola-colonizadora?) que ella terá d'exercer na vida internacional, sob pena d'extinguir-se como nação definida. É evidente, portanto, que esta obra fundamental na regeneração da patria não póde sair dos miolos do bando de Rosalinos e Conselheiros Accacios que infestam a pedagogia, a burocracia, a politica e até a democracia d'este paiz de somnambulos.

\*

Accordado, consciente, educado, organizado, livre da tutela ingleza que ha perto de trescentos annos nos acalenta e deprime,—e aliado ao Brazil, ao grande Portugal da America que vae a talhar no mundo um quinhão surprehen-

salvar-se com uma grande amputação.

Ella começou a imaginar que o seu marido podia salvar o paiz com uma grande amputação, e o tio conego perguntava ao sobrinho, sorridente:

—Mas que diabo tem o paiz?! Ninguem lá por fóra me cheira a gangrena. Reinam os rheumatismos e os catarrhos; mas, quanto a podridão, não sei de nenhuma, fóra dos hospitaes. Eu, se fosse a ti, meu Tiburcio, não amputava nada, sendo ministro.

O doutor insistia em voltar ao parlamento. Queria dizer as derradeiras e solemnes palavras, cuspidas á face do cynismo publico, encarvoar com o estygma da infamia a estúpida indiferença geral, inclinar-se sobre o leito de Portugal agonisante e psalmejar-lhe threnos de destruição como Jeremias sobre o reino de Israel. E o conego:

Portugal poderá ainda colaborar, pelo menos, em grandes funções mundiaes. Pae e filho ou irmãos ethnicos, herdeiros do velho genio marítimo e emprehendedor do Infante D. Henrique e de Affonso d'Albuquerque, o portuguez e o brasileiro, se dispostos a labutar unidos estreitamente numa sabia orchestração politica e social, poderão talvez um dia contrabalançar, na Europa, na America, na Africa e na Asia, o poder exorbitante—a decair já na Europa, a crescer ainda na America—do inglez e do yankee... É a historia que ensina estas voltas que o mundo dá. Inglezes e holandezes aprenderam a navegar com o matalote portuguez dos seculos 15 e 16...

Mas o ethos portuguez d'antigo e alto quilate, tristemente adormecido, sobretudo nos dirigentes (nos politicos sem honradez, nos funcionarios sem fé, nos padres sem tolerancia e nos reis sem patriotismo), accordará para a vida social hygida e forte, sem convulsão nacional, sem uma crise sangrenta, que tire o mando e o poder aos politicos sem honradez, aos funcionarios sem patria, aos funcionarios sem fé, aos padres sem tolerancia e aos reis sem patriotismo? Ou será indispensavel ao renascimento da patria o abalo da revolução—justificada, mas grave?...

Tenho ouvido e lido que nos circulos militares e politicos de Hespanha é corrente e forte a ideia d'incorporar Portugal á monarchia hespanhola, por meio d'um simples «passeio militar até Lisboa», como, ao que consta tambem, hespanholam cidescamente nas casernas e nas tertulias alguns dos nossos visinhos. Acrescenta-se, em voz sumida, que a trombada inicial, propriamente militar, d'este feito de conquista será talvez facil e rapida (estaremos militarmente muito abaixo do Riff?), attenta a nossa penuria, confessada e reconhecida, em aparelho de guerra. Concorde em que esta noção seja a boa, a previdente; concedo; sim, que a Hespanha atavica de Affonso 13, fecundo e interessante moço, velho e novo ao mesmo tempo, parado ultramontano e rapido automobilista, nos possa dar e nos dê uma lição comparavel á que apanhou dos yankees. Mas depois?! Qual a maneira militar-politica pratica de conter e governar isto? Mal armado, mal educado militarmente e em tudo, e exausto por emigrações para a Africa, para o Brazil e para a America do Norte, Portugal tem ainda assim, no continente e nas ilhas, mais d'um milhão d'homens validos, que, accesos em paixões antigas (resurgirá o ligur a luctar contra o ibéro), serão como leopardos na furia contra hespanhoes. Ora na triste Peninsula, desagregada e incerta, ao mesmo tempo theocratica, monarchica, republicana, socialista e anarchista, o que um milhão de

—Parece-me que voltas aos sermões da casa das Botelhas. Esses sermões do parlamento, se ninguem os encomenda, sempre ha uma nação que os pague;—a pobre nação gangrenada, mas assim mesmo a pagar aos medicos com rara pontualidade! Tiburcio, nada de amputações, que te não vá ficar a doente nas mãos por causa da hemorragia.

Não obstante, o conego trabalhava para a eleição do sobrinho por um circulo do Porto. Amalia pedia-lho com instancia, não só para abrir ao marido a vereda dos conselhos da corôa, mas porque tinha duas irmãs casadas em Lisboa, e queria muito estar perto d'ellas. Padre João Evangelista dava-se com os influentes notaveis, grandes firmas commerciaes, potentados do suffragio que tinham os arsenaes da sua popularidade nas confrarias. Aconselhavam-lhe que orientasse o

homens validos, fincados no seu paiz e unidos passionalmente num credo d'independencia—unico phenomeno, talvez, capaz de unir portuguezes de todos os credos politicos—, quizer fazer—será feito. Não ha tropas regulares que possam maneatal-o. As tropas valem contra tropas, e não contra uma aspiração servida passionalmente por um milhão d'homens unidos, bravos, dispostos a tudo; e pelos anceios doridos de quatro milhões de mulheres, de velhos e de creanças... Mas outras considerações se impõem neste grave assumpto. Além das reprovações que as guerras de conquista provocam na Hespanha moderna, que quer ser e é progressiva, que vae a contrabalançar na direcção do paiz a Hespanha de Affonso 13, clerical e guerreira,—ha o espirito catalão (filiado, porventura, num velho espirito ligurico menos forte e geral, outr'ora, no reino da Catalunha do que no de Portugal?), ansioso d'independencia, e que aproveitará o ensejo da invasão quixotesca de Portugal pela Hespanha para se levantar, armado... Pagaremos então o serviço consideravel e historico que devemos á Catalunha, á sua sublevação de 1640 que nos foi auxilio notavel, como forte derivativo de força e attenção castelhanas, na guerra da separação.

Não é, pois, para temer—sem ser para desejar—o anunciado «passeio militar até Lisboa», dos nossos cidescos visinhos. Poderá até provocar—e por esta razão foi tocado, de relance, nestas notas—a convulsão nacional, a questão de vida ou de morte, que parece necessaria ao renascimento da patria. A velha alma portugueza accordará ao estrépio provocador e affrontoso da invasão hespanhola, e a raça, revirilizada na expulsão sanativa dos fuziladores de Ferrer, resurgirá forte e nobre.

## 6 novo governo

Como documento para a historia da politica portugueza, registamos as seguintes palavras do *Matin*, publicadas em telegrammas de Lisboa:

«Lisboa, 26 de junho (noite)—Para o observador attento, revela-se em Portugal a existencia de um profundo movimento revolucionario, devido aos erros accumulados por cinco gabinetes successivos, desde o tragico attentado de 1 de fevereiro de 1908.

Ao dia seguinte do drama, o apaziguamento parecia possivel. Os chefes radicaes e republicanos saiam da prisão. Os decretos de excepção feitos pelo sr. João Franco estavam revogados. O chefe dos parlamentares republicanos sr. Affonso Costa propunha uma tregua perante a dôr e a innocencia do joven rei.

doutor nos mananciaes das irmandades, fontes limpas de votos—que o apresentasse ao Souza Basto, da Trindade, ao Folhadella, ao visconde de Alpendurada, ao Carneiro Gerales, ao Custodio Pinheiro, ao Torquato, á aristocracia de Cedofeita, ao Figueiredo, ao Dourado, e outros membros da Ordem Terceira de S. Francisco—uns finorios que a sabiam toda.

O doutor não transigia com os maus habitos da mendicidade. Se elle queria jarretar excrecencias canceradas no organismo nacional, o mais pôdre dos membros era a corrupção do suffragio por meio de dinheiro aos pobres ou de abjecções aos ricos. De mais a mais, o insinuar-se nas irmandades parecia-lhe carolice estúpida ou hypocrisia canalha. Apesar da esposa, elle teimava em não ir procurar os irmãos da Ordem Terceira, ao passo que o tio conego mexia os pausinhos, des-

O apaziguamento parecia possível, mas continuaram a funcionar instituições detestáveis. O juízo de instrução criminal, órgão de repressão governamental, cuja jurisdição se estende a todo o reino, continua a gosar do direito de aprisionar os cidadãos e a mantelos nos calabouços, sem explicações, durante mezes inteiros.

As associações secretas, pacíficas, mas republicanas, compostas de baixa gente do povo, são encurraladas.

O escandalo financeiro do Credito Predial comprometteu profundamente o partido progressista, cuja subida ao poder era recente. Os republicanos são adorados pela população de Lisboa e das grandes cidades. Uma profunda irritação apodera-se, enfim, pouco a pouco, dos espiritos sobreexcitados, pelos excessos e pelo descredito do pessoal politico.

Desde hoje que uma nova era se abre pela constituição de um ministerio com tendencias liberaes, o que será uma grande data na historia do movimento politico portuguez se todavia o sr. Teixeira de Sousa, o presidente do novo gabinete, puder manter as suas promessas. Contra elle tem, com effeito, todos os elementos reaccionarios e clericales. Os radicaes monarchicos, cujo chefe o sr. Alpoim exerce uma grande influencia, appoial-o-o, se elle entrar francamente no caminho das reformas.

—Os republicanos—dizia-me o sr. Affonso Costa—continuarão naturalmente a sua lucta pelos principios em que são irreductiveis. Mas é evidente que elles seriam muito menos fortes contra um governo que desse liberdades ao povo. Portanto, esta grave situação, tornada mais tragica pela lembrança do regicidio, pôde mudar, se o sr. Teixeira de Sousa, desprezando as influencias clericales tão poderosas no paço e tendo na mão o decreto da dissolução das côrtes, fizer eleições que permittam ao povo exprimir sinceramente a sua vontade.

Havia, pois, grande interesse em colher as opiniões do sr. Teixeira de Sousa.

O novo presidente do conselho dignou-se fazer um acolhimento cheio de cordealidade ao enviado do «Matin». Conversei largamente com elle, confessando-lhe a grave impressão que senti neste paiz, onde a opposição ganha terreno todos os dias, onde os retratos dos regicidas se vendem livremente em lojas especiaes, onde o rei não ousa sair sem enormes precauções onde os chefes republicanos são aclamados com entusiasmo nas ruas.

—Tudo isto—disse-me o sr. Teixeira de Sousa—pôde mudar com um governo animado de ideias liberaes. A camara será dissolvida. As eleições realisar-seão no começo d'agosto e com esta nova camara daremos ao paiz as liberdades que elle espera.

«Sou liberal. Em 29 de janeiro de 1908, offereci asylo em minha casa ao sr. Alpoim, que era perseguido pelo dictador, por propaganda revolucionaria.

—E irmão da Ordem Terceira de S. Francisco—acrescentou o conego. Lá te metti, e de lá sahirás deputado na primeiras eleições. Eu conheço o Porto melhor do que tu. Isto aqui é Braga com mais alguns milheiros d'almas.

Um dia, ás sete da manhã, puxaram fortemente a campainha do dr. Tiburcio. Desceu a creada á cancella, e viu um homem de boa compostura seraphica perguntando se podia fallar ao sr. doutor. Era um sujeito calvo, de olhos verdes, sobre um nariz muito verrugoso, com uma venta obstruida.

—Que ainda estava recolhido.

«Os meus amigos, todos liberaes, são alvo, ha annos, de ataques de uma extrema violencia por parte dos clericales e dos nacionalistas.

«A minha primeira reforma será a reforma constitucional, que terá por fim a creação d'um senado mixto, em parte electiva, condição indispensavel para o progresso do paiz.

«A instituição do juizo criminal deve ser substituida por uma instrução contraditoria, em que serão dadas todas as garantias aos accusados. Os processos d'imprensa serão, de futuro, julgados pelas vias ordinarias e não mais por processos excepcionaes como hoje. Será tambem urgente fazer votar uma lei eleitoral, afim de que as eleições sejam verdadeiramente a expressão exacta do sentir do paiz.

«Proporei igualmente medidas de amnistia e farei tudo quanto fôr necessario para restabelecer a pacificação de que o paiz tem absoluta necessidade. Toda a politica de principios será livre, toda a propaganda de ideias se desenvolverá sem obstaculos.»

Como eu comparasse a obra do sr. Canalejas aos projetos do gabinete portuguez, o sr. Teixeira de Sousa disse-me:

—A questão clerical não se impõe aqui como em Hespanha, porque o povo portuguez não é clerical. O cardeal Merry del Val tentou formar aqui um partido catholico, mas era uma empreza vã e impossivel, por isso que a influencia politica do clero na população é muito fraca.

O presidente do conselho fallou-me depois, com calor, da influencia franceza, aqui enorme; da auctoridade dos nossos homens politicos e da sua profunda admiração pela nossa literatura. Terminando, disse-me esperar que a opinião franceza seguisse com imparcialidade a sua obra de pacificação, fazendo justiça aos seus sinceros esforços para tornar Portugal uma nação moderna.

## NOTICIAS PESSOAES

### Estadas

Com a sua mãe, esposa e irmão mais novo, esteve no Porto, pelas festas do verão, o nosso presado amigo e conterraneo sr. José Antonio de Carvalho Junior.

Tambem esteve naquella cidade o nosso amigo e conterraneo sr. José Luiz Ferreira d'Abreu.

### Anniversario

Pelo seu anniversario natalicio, que passou no dia 29, felicitamos o sr. Joaquim Martins dos Santos, natural de S. João de Loure.

só pôdem ser ministros, se o povo e as armas os impõe ao Poder Moderador. A minha columna vertebral não se curva nem ao povo, nem aos argentarios, nem á camarilha. Nunca passarei de bacharel Tiburcio Pimenta, natural de Gandarella, e advogado nos auditorios do Porto.

—E irmão da Ordem Terceira de S. Francisco—acrescentou o conego. Lá te metti, e de lá sahirás deputado na primeiras eleições. Eu conheço o Porto melhor do que tu. Isto aqui é Braga com mais alguns milheiros d'almas.

Um dia, ás sete da manhã, puxaram fortemente a campainha do dr. Tiburcio. Desceu a creada á cancella, e viu um homem de boa compostura seraphica perguntando se podia fallar ao sr. doutor. Era um sujeito calvo, de olhos verdes, sobre um nariz muito verrugoso, com uma venta obstruida.

—Que ainda estava recolhido.

## NOTICIARIO

**Dr. Diniz Severo**—Deve concluir a sua formatura na Faculdade de Medicina, na proxima semana, o nosso presado amigo e conterraneo sr. dr. Diniz Severo Correia de Carvalho que, tanto no curso do lyceu, como na Universidade, tem revelado grandes facultades de intelligencia e trabalho.

Os seus conterraneos preparam-lhe uma manifestação de sympathia, sendo a commissão promotora composta dos srs. dr. Eduardo de Moura e Aveilino e Aristides Dias de Figueiredo.

A subscrição acha-se aberta em casa dos srs. José Fernandes Mascarenhas, Venancio Dias d'Almeida, Aristides de Figueiredo e Manuel Gabriel.

**Valle do Vouga**—Continuam com regularidade os serviços do caminho de ferro do Valle do Vouga, sendo apenas motivo de reparo, e não pequeno, que algumas expropriações ainda estejam por fazer.

**Melhoramentos**—Continuam com actividade os trabalhos para o alargamento da Rua do Forno, desta villa, que seguirá em linha recta até á Praça.

Merece muitos louvores o nosso presado conterraneo sr. Aveilino Dias de Figueiredo que tomou a iniciativa d'aquelle importante melhoramento e tem cuidado serio da sua realisação.

**Licença**—Foram concedidos 30 dias de licença ao sr. Conselheiro Augusto Maria da Costa, meritissimo Juiz da Relação de Lisboa.

**Rei de Hespanha**—Consta que o Rei de Hespanha visitará ainda este anno Lisboa, não estando por enquanto fixada a data.

**Pela imprensa**—Principiou, no dia 1, a publicar-se em Lisboa um novo jornal republicano, intitulado *A Capital*.

—Deve tambem sair hoje, no Porto, o 1.º numero do *Correio do Norte*, jornal catholico, de que é director o sr. dr. Abundio da Silva.

**Excursão**—Ficou addiado para os dias 13, 14, 15 e 16 de agosto, o passeio a Lis-

boa, em comboyo especial, promovido pelo *Rancho Alegre Mocidade*, d'Aveiro.

Os bilhetes provisorios continuam á venda nos locais annunciados.

**Rancho do vapor**—Deve apresentar-se hoje, de tarde, no jardim Publico, d'Aveiro, em beneficio da nova Companhia de Salvação Publica Guilherme Gomes Fernandes, este afamado grupo popular da Figueira da Foz.

A entrada no jardim custa 100 réis.

## DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Azurva, 9

Falleceu aqui, no dia 18, a sr.ª Maria d'Oliveira, pobre velhinha de 80 annos, que estava cega e entrevada ha muito tempo. O funeral realisou-se no dia 19, pelas 7 horas da manhã, sendo o cadaver conduzido até ao cemiterio de Esqueira na carreta funebre deste logar.

A toda a familia enlutada, sentidos pesames.

—Como nos demais annos, festejou-se aqui, com certo brilho e entusiasmo, o S. João e o S. Pedro. A' noite, accenderam-se as tradicionaes fogueiras que as raparigas saltavam, cantando lindas e suggestivas cantigas de que me ficou na memoria esta quadra:

O' meu rico S. João,  
O' milagroso S. Pedro:  
Eu vos peço com devoção,  
Santinhos, casae-me cedo.

C.

## ANNUNCIOS

Acaba de publicar-se:

PEQUENO LIVRO  
DOS FEIS DEVOTOS

DO  
**Sagrado Coração de Jesus**

DECIMA EDIÇÃO

Approvada pela Auctoridade Ecclesiastica

Indispensavel aos associados do Apostolado da Oração e outros, por conter grande cópia de orações na sua maior parte indulgenciadas, todas as consagrações até hoje publicadas, Methodo da Missa, ladainha, Hymnos e canticos, etc., etc.

1 elegante volume de 96 paginas, impresso em bom papel: encadernado em percalina, com o titulo na lombada, 120 réis; idem com o titulo na pasta, 140 réis; idem idem e dourado pelas folhas, 240 réis.

Para propaganda: um exemplar gratis em cada seis dos primeiros, um dito dos segundos em cada sete dos mesmos, e um dito com folhas douradas em cada doze dos primeiros ou seis dos ultimos.

Pedidos ao editor, A. Martins Pereira, rua Sá Noronha, 51, ou á Casa de S. José (única depositaria), de José Barbosa Ribeiro, rua das Flores, 168 a 176—Porto.

estás ministro! Aqui está o officio!

E deslacrava o subscripto sem o lér para dar o officio ao marido que se sentara estrouvinhado na cama, a esfregar os olhos.

O doutor leu:

Ill.ª Sr. Dr. Tiburcio Pimenta.

A Meza da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, d'esta invicta e heroica cidade do Porto, tem a satisfção de participar-lhe que hontem, em reunião geral, foi V. S.ª unanimemente eleito Ministro da mesma Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Tiburcio machucou o papel, e atirou-o ao tapete, e disse:

—Não valia a pena acordar-me para isto, Amalia!

E ella, com os olhos espantadamente espasmodicos na cara esqui-

## LISTA DOS SUBSCRIPTORES

**Subscrição** aberta a favor dos alumnos necessitados das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saude, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . . . . 169\$500  
José Rodrigues Laranjeira . . . . . 500  
João das Neves Martins . . . . . 2\$600

Somma . . . . . 169\$150

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.ª Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo de Moura, Antonio Simões da Silva e Aveilino Dias de Figueiredo, em Eixo; Manoel Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1,º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

## ABC Illustrado

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

## INSTRUÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes ao programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

sita do marido, disse com um grande desalento:

—Ministro da ordem terceira de S. Francisco! Ora bolas!

O conego, que tinha ouvido fallar em ministro, entrou nesta conjunctura, e perguntou o que era. Amalia explicou com muito desdem a nomeação de ministro da ordem terceira; e o tio com gravidade, e um pouco de miguelismo:

—Pois eu antes queria ser ministro da Ordem Terceira de S. Francisco das Chagas, que ministro da primeira ordem da Senhora D. Maria da Gloria.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Bibliotheca Humorstica

A RIR... A RIR...

DIRECTOR E UNICO REDACTOR

Ferreira Manso (V. LHACO)

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

50 rs.--32 paginas--50 rs.

A RIR... A RIR... não é o titulo d'uma publicação periodico, de caracter permanente, com a qual o auctor irá buzinar, duas vezes por mez, aos ouvidos do publico enfatiado;

A RIR... A RIR... é o titulo do 1.º volume da «Bibliotheca Humorstica», fundada pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, rua da Prata, 158, e que será publicado em folhetos de 32 paginas, de numeracão seguida, constituindo ao fim de 10 numeros, um elegante volume de 320 paginas, com o retrato do auctor e cem pequenos artigos de critica aos exaggeros, aos ridiculos, aos prejuizos da sociedade.

AO A RIR... A RIR... seguir-se-hão as «Gargalhadas saticas», com as quaes V. Lhacastigará todos os typos que representam a tyrannia, a exploracão, emfim, a reacção em todas as suas manifestacões; a estas «A Moral» e a «Litteratura»; de, pois as «Dejecções Theatraes», etc., etc.

A RIR... A RIR..., como todos os volumes que hão-de seguir-se, é uma publicação typica, unica no seu genero, tendo a caracterisacão o bom humor permanente, a originalidade, a variedade, a barateza.

A RIR... A RIR... é um verdadeiro desopilante.

A venda em todas as livrarias

LIVRARIA CENTRAL DE GOMES DE CARVALHO, editor

158, Rua da Prata, 160—LISBOA

MALVERT

SCIENCIA E RELIGIÃO

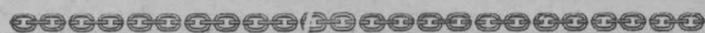
Traduzida da 3.ª edição franceza por

HELIODORO SALGADO

Esta obra é um ensaio de vulgarisacão, em fórma clara e attrahente, dos dados positivos fornecidos pela sciencia moderna sobre a genése e cohesão das religiões especialmente da chistã, projectando uma lua nova sobre problemas a que nenhum homem intelligente, seja qual for a sua opinião e a sua creança, poderá ficar indifferente.

1 volume com 156 gravuras

Preço 500 réis



LIVRARIA FERNANDES

SUCCESSOR J. PEREIRA DA SILVA

44, Largo dos Loyos, 45—PORTO

Ultimas publicações:

MANUSCRIPTO

DAS ESCOLAS PRIMARIAS

(Ilustrado)

por Angelo Vidal

Cuidadosamente organizado, contendo variados typos de letra, alguns muitos proprios para modelos calligraphicos, modelos de requerimentos, letras, cheques, etc.

Autographos de distinctos escriptores e de grande numero de professores.

Broch. 120 Enc. 200 reis

Desenho Geometrico dos Lyceus, para as 4.ª e 5.ª classes, por Angelo Vidal.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Para festas das creanças

Puerilidades

por Angelo Vidal

Poesias e monologos para creanças. Com o retrato do auctor.

Brochado 250 reis Encadernado 350

PORTUGAL NA CRUZ

Versos de BERNARDO PASSOS

Edição da Livraria Central, de Gomes de Carvalho—158, Rua da Prata, 160, LISBOA.



GRAMMATICA ELEMENTAR

LINGUA PORTUGUEZA

PARA USO DOS ALUMNOS D'INSTRUCCÃO PRIMARIA

Nlaborada segundo os actuaes programmas

POR ALBANO DE SOUZA

3.ª EDIÇÃO MELHORADA

Este compendio facilita o ensino tornando-o muito simples, pratico e intuitivo. Tem nelle um valioso auxiliar os snrs. professores, porque torna ás creanças d'uma grande suavidade e portanto, extremamente facil, esta disciplina tão ardua, tão complexa.

Cartonado 150 réis

PROGRAMMAS D'INSTRUCCÃO PRIMARIA—Com modelos para requerimentos de exames de nstrucção primaria. BROCHADO 60 REIS.

TABOADA e noções de Arithmetica e Systema metrico, em harmonia com o programma, para as 1.ª 2.ª e 3.ª classes de Instrucção Primaria, por A. M. F.

3.ª edição. . . . 400 reis



ANGELO VIDAL

A B C ILLUSTRADO

A' venda em todas as livrarias.

Manuscripto das Escolas Primarias

POR

Angelo Vidal

Edição da Livraria Fernandes

Suc. J. Pereira da Silva

44—Largo dos Loyos—45

PORTO

O Manuscripto das Escolas Primarias—contem exercicios graduados e variadissimos de letras de penna, illustrado em cada pagina com desenhos originaes accomodados á obra e em que mais uma vez se revela a fecundidade e o espirito do auctor.

De todos os paleographos que conhecemos este é, sem duvida, o mais completo, variado e attrahente. Alem d'isso é para nós o mais sympathico por ser devido á penna d'um amigo e conhecido de quem se pôde dizer, como alguem disse do mallogrado Pinheiro Chagas, alludindo ao seu trabalho de todos os dias—precisa de fritar os miolos á familia no dia seguinte

Depois, o preço é tão modico, 120 reis, apenas, se compararmos ao volume da obra e ao seu merito intrinseco, que suscita o desejo de o adquirir mesmo a quem supponha que não precisaráo d'elle.

(Da Vitalidade de 17 d'outubro, 1908).

A FAMILIA MALDONADO

POR

VIEIRA DA COSTA

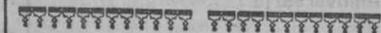
E

OS TRISTES

POR

FRANCISCO BARROS LOBO

Livraria editora de Gomes de Carvalho—Rua da Prata, 158 e 160—Lisboa.



A B C

ILLUSTRADO

POR

ANGELO VIDAL

A' venda em todas as livrarias.

2.ª edição—Brochado 60—Cart 100

Convencido de que «a facilidade da leitura está para a creança na razão directa da retenção na memoria do nome das letras», procurou o auctor, n'este modestissimo trabalho, conseguir este fim por meio de desenhos mnemonicos.

A accitação que este livrinho vai tendo, anima-nos a recommenda-lo ao professorado.

Quadros parietaes d'este methodo:— Collecção de 12 quadros em papel, 306 reis. Collecção de 12 quadros collados em cartão 27300 reis.

LÉON TOLSTOI

A Clero. A destruição do inferno e a sua restauração. Traduzido por Mayer Garção. 1 vol. 200.

O que é a religião? Tradução de Heliodoro Salgado. 1 vol. 200

Pão para a bocca. Origem do mal. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol. 100.

Razão, fé, oração. Tres cartas traduzidas por Marianna Carvalhaes. 1 vol. 100.

(O Bom senso do) A Razão dum Padre. Tradução de M., com uma noticia de França Borges. 1 vol., 500.

Atravez das edades. Poemete oferecido ás piedosas reflexões do sr. Arcebispo de Evora, por Heliodoro Salgado. 1 vol., 200.

O Seculo e o Clero, por João Bonança 2.ª edição. 1 vol., 300

A mentira religiosa, por Max Nordau. Tradução de Affonso Gayo. 1 vol., 100

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Semanario independente, noticioso, pedagogico e litterario

Redacção e Administracão: R. de S. Miguel, 36--PORTO

ASSIGNATURA

(Pagamento adiantado)

PUBLICAÇÕES

Portugal—anno . . . . .	1\$200
» —semestre . . . . .	600
Africa —anno . . . . .	1\$500
Brazil —anno—(moeda forte) . . . . .	2\$200

Annuncios, por cada linha. . . . .	10 reis
Communicados, cada linha. . . . .	20 »
Para os srs. assignantes 25 p. c. de abatimento. . . . .	—
Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.	—

CORREIO DO VOUGA

(EIXO)

Redacção e Administracão—Rua de S. Miguel, 36—PORTO

Cam. Int.

3.º ANNO—N.º 28